



Carreira

01-01-2016



ANDRÉ FIGUEIREDO, SÓCIO COORDENADOR DA EQUIPA DE MERCADO DE CAPITAIS DA PLMJ

Um investidor exigente sente-se em casa em Portugal

O sócio coordenador da equipa de mercado de capitais da PLMJ, André Figueiredo, fala da sua experiência internacional na Clifford Chance e da imersão numa cultura que valoriza o investimento sem retorno imediato. Esse, diz, é o grande desafio dos advogados da sua geração, na senda de aproximar os escritórios portugueses dos melhores padrões internacionais. Entende, porém, que o trabalho jurídico em Portugal é mais desafiante que o vivido no Luxemburgo, por via de uma maior ligação à economia. E acredita que Portugal oferece aos investidores um “ecossistema sofisticado” e bem preparado, que faz qualquer investidor exigente “sentir-se em casa”.



01-01-2016

Advocatus | A sua experiência internacional na Clifford Chance influenciou a sua forma de exercer advocacia?

André Figueiredo | Habituei-me desde cedo em Portugal a participar em assuntos de grande notoriedade e complexidade, e a trabalhar ao lado de extraordinários advogados. Não foi, portanto, isso que encontrei de novo ou diferente na Clifford Chance. Mas evidentemente que a experiência numa casa como a Clifford Chance deixou marcas. Talvez a principal tenha sido a “imersão” numa cultura que valoriza, acima de tudo e constantemente, a antecipação das solicitações de clientes. É, aliás, a institucionalização desta atitude de *looking around the corner* que implica a alocação de recursos a atividades sem retorno imediato e por isso requer um investimento significativo, que, em minha opinião, constitui o grande desafio dos advogados da minha geração, para continuar a aproximar o perfil dos escritórios portugueses dos melhores padrões internacionais.

Advocatus | Além das diferenças em matéria de legislação fiscal, de que maneira é diferente a prática da advocacia no Luxemburgo e em Portugal?

AF | As diferenças são grandes. O Luxemburgo é uma *SPV jurisdiction* e o trabalho jurídico centra-se, em grande medida, na participação de veículos luxemburgueses em estruturas transfronteiriças de investimento. Isto significa que é enorme o volume de transações e a diversidade de estruturas e operações, mas também que o envolvimento dos advogados locais é em certa medida limitado, tanto nas matérias jurídicas tratadas, como no próprio processo. Sendo o português um ordenamento periférico, onde, portanto, não se verifica aquela diversidade de estruturas, o trabalho jurídico é, porém, mais desafiante, porque é mais próxima a ligação com a economia real, mais relevantes os temas regidos pela lei portuguesa e por isso, mesmo em operações transfronteiriças, mais determinante a intervenção dos advogados locais.

Advocatus | Mercado de capitais é uma área de prática em que a componente internacional está muito presente. De que modo se revela especialmente útil a experiência internacional do advogado?

AF | O trabalho jurídico em mercado de capitais é de facto bastante

“É fundamental manter um contacto próximo com os escritórios internacionais e estar atento ao que os nossos colegas dessas jurisdições vão fazendo: às reestruturas que montam, aos temas jurídicos que aprofundam, aos problemas e contingências que antecipam”

“cosmopolita”, no sentido em que as práticas e estruturas e categorias de operações prevalentes nalguns ordenamentos de referência – como o inglês, o norte-americano ou o alemão – se tendem a disseminar e a replicar nos mercados de menor dimensão, como o português. É por isso fundamental manter um contacto próximo com os escritórios internacionais e estar atento ao que os nossos colegas dessas jurisdições vão fazendo: às reestruturas que montam, aos temas jurídicos que aprofundam, aos problemas e contingências que antecipam. Porque, normalmente mais cedo do que tarde, essas mesmas estruturas, os mesmos temas e as mesmas contingências são suscitadas entre nós.

Advocatus | Como foi o último ano na área de mercados de capitais em Portugal? Notou-se a retoma?

AF | A retoma económica é ainda débil, mas há alguns movimentos interessantes na área do mercado de capitais. Por um lado, persiste o reajustamento da composição acionista de algumas das sociedades cotadas, com algumas transações relevantes. Por outro, há um acréscimo do financiamento em mercado da parte das grandes empresas, designadamente através da emissão de obrigações (mas também de outros ins-



UM DOS 40 UNDER FORTY

André Figueiredo foi reconhecido pelo Iberian Lawyer como um dos “40 under Forty” de 2015. Sobre esta distinção, comenta que se trata “obviamente” de um prémio importante, pelo reconhecimento de um percurso profissional diverso e com algumas apostas de risco. “Mas

principalmente pela motivação acrescida para o desafio que abracei, de coordenar uma equipa cheia de jovens advogados talentosos e motivados, que querem continuar a fazer crescer a área de prática de mercado de capitais de PLMJ”, destaca.

trumentos híbridos), reflexo das subidas de rating ocorridas nos últimos anos. E há depois um novo mundo que se começa definitivamente a abrir, que é o do financiamento de (grandes) PME através de estruturas e instrumentos de mercado de capitais.

Advocatus | A legislação portuguesa afasta os investidores?

AF | Não. A legislação não é algo que afaste os investidores, até porque se encontra, em grande medida, em linha com a vigente noutros ordenamentos. Por outro lado, Portugal tem já para oferecer aos investidores um ecossistema sofisticado e bem preparado, que faz qualquer investidor exigente sentir-se em casa.

“Evidentemente que a experiência numa casa como a Clifford Chance deixou marcas. Talvez a principal tenha sido a “imersão” numa cultura que valoriza, acima de tudo e constantemente, a antecipação das solicitações de clientes”